

Vida do Grande Luís de Camões, Príncipe dos Poetas de Espanha

por

Manuel de Faria Severim

Julgava Plínio por a maior felicidade da vida fazer um homem tais Obras, que todos desejassem saber qual fosse o Autor delas: «*Ut equidem arbitror (diz ele) nullum est felicitatis specimen, quam semper omnes scire cupere qualis fuerit aliquis*». Nasce este desejo da condição do entendimento humano, o qual como seu fim seja o conhecimento da verdade, não se satisfaz, como diz o Filósofo, até não alcançar a causa verdadeira das cousas. Daqui tiveram seu fundamento todas as disputas, e questões das Ciências, querendo mostrar cada qual, que a sua notícia está mais ajustada com a razão natural de cada cousa. Daqui nasceu escreverem-se sobre uma matéria tantos livros. Daqui também comporem-se tantas histórias da vida de um mesmo Príncipe, ou Varão ilustre, nas quais o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunstâncias, contando não somente os casos, e sucessos das cousas, mas os conselhos, e razões com que foram feitas. Pelo que por satisfazer a este tão dividido desejo, nos pareceu, devíamos também escrever a Vida do nosso poeta Luís de Camões Príncipe dos Heróicos de Espanha, por quanto o que dele anda impresso é tão pouco, e diminuto, que não satisfaz em muita parte com o que todos pretendem saber de semelhantes Varões; como é a qualidade, vida, costumes, engenho, feições e outras particularidades sem as quais fica muito imperfeita a notícia que se requer na história de um homem insigne. De todas estas cousas vai acrescentada esta Relação quanto foi possível à boa diligência que sobre isso se fez, aproveitando-nos principalmente do que o mesmo Luís de Camões de si refere em seus versos, onde ordinariamente os poetas deixam escritas suas vidas; porque é natural aos homens deleitar-se de contar os trabalhos que padeceram, depois de escaparem deles. E como Luís de Camões passou a maior parte da vida em peregrinações, e sucessos vários, não é muito que os deixasse postos em memória; e porque a pobreza com que viveu tinha escurecido em parte a clareza de seus antepassados, começaremos esta Relação de sua Vida, dando-a um pouco mais larga de sua família, para que sobre este ilustre fundamento fique mais estimado seu engenho.

A família dos Camões é natural do Reino da Galiza; seu apelido dizem alguns que é alcunha tomada do pássaro Camão, a quem os antigos chamaram *Perphyrio*, celebrado de muitos Autores pela admirável propriedade de morrer vendo cometer adultério contra o senhor da casa. Alciato o traz no Emblema 47 por símbolo da vergonha e honestidade, com estes versos:

*Prophyrio, Domini si incesti in redibus uxor,
Despondetque animum praeque dolore perit.
Abdita in arcanis naturae est causa: sit index
Sincera haec volucris certa pudicitiae.*

O mesmo refere Camões numa carta em verso, que anda nas suas Rimas terceira parte dizendo:

Experimentou-se algum'hora, etc.

Porém, o mais certo é não ser este sobrenome alcunha, senão apelido, tomado do Castelo de Camões de S. Máximo, situando-o junto do promontório Nereu, que agora se chama Cabo de Finisterra. Deste território há notícia, que tomaram nome os Peros chamados Camoeses, tão conhecidos em toda Espanha, e que daqui se levaram para as outras Províncias dela, onde hoje se vêem em grande cópia, e o que mais é:

Melhor tornados no terreno alheio.

Principalmente neste Reino, porque são os nossos muito avantajados no sabor e suavidade aos de Galiza, e por isso muito mais prezados. O primeiro da família de Camões que passou a Portugal foi Vasco Pires de Camões, em tempo d'El-Rei D. Fernando, por ter seguido suas partes contra El-Rei D. Henrique de Castela, o bastardo. Deu El-Rei D. Fernando neste Reino a este Fidalgo em lugar do que deixara em Galiza, as Vilas do Sardoal, Punhete, Marão e Amêndoa, com o Concelho de Gestação e as herdades e terras que foram em Estremoz e Avis da Infanta Dona Beatriz, e o fez Alcaide-mor de Portalegre e Alenquer, e um dos principais fidalgos do seu Conselho. Obrigado Vasco Pires destas mercês, seguiu depois as partes das Rainhas Dona Leonor e D. Beatriz contra El-Rei D. João I de Portugal, como largamente se contém tudo nas Crónicas do mesmo Rei. Pelo que sendo preso na batalha de Aljubarrota, perdeu todos os Vassallos e fortalezas que tinha no Reino, e somente lhe deixou a benignidade Real as terras e herdades de Estremoz e Avis, e outros bens particulares que tinha em Alenquer e Lisboa de que seus descendentes instituíram depois morgados rendosos, principalmente em Avis e na Cidade de Évora, onde possuem algumas herdades, às quais pelo apelido dos possuidores deu o povo nome de Camoeiras. Foi casado Vasco Pires de Camões com uma filha de Gonçalo Tenreiro, a quem El-Rei D. Fernando fez Capitão-mor das Armadas de Portugal, e El-Rei D. João I, sendo ainda defensor do Reino, lhe deu a Capitania de Lisboa. E depois, seguindo as partes da Rainha Dona Beatriz, se intitulou Mestre de Cristo. Deste matrimónio teve Vasco Pires a Gonçalo Vaz de Camões, A João Vaz de Camões e Constança Pires de Camões, mulher de Pero Severim Fidalgo Francês, de quem se faz menção na tomada de Ceuta. Gonçalo Vaz, que foi o filho mais velho, casou com Constança da Fonseca, filha de António Vasques da Fonseca, Alcaide-mor de Moreira e Marialva (filho de Vasco Fernandes Coutinho, Meirinhom e senhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve António Vaz de Camões, o qual foi pai de Lopo Vaz de Camões e de Dona Aldonça Anes de Camões, mulher de Rui Casco, Alcaide-mor de Avis.

Lopo Vaz de Camões casou com Inês Dias da Câmara, filha de Diogo Afonso de Aguiar da Ilha da Madeira, e de sua primeira mulher Isabel Gonçalves da Câmara, filha de João Gonçalves da Câmara, primeiro Capitão do Funchal e progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve António Vaz de Camões, Simão de Camões e Duarte de Camões.

António Vaz de Camões casou com Dona Isabel de Castro, filha de Dom João de Castro (irmão de Dom Fernando de Castro, que foi Avô do primeiro Conde de Basto) e de Dona Francisca de Brito, filha de Fernão Brandão, o Velho de Évora, da

qual teve a Lopo Vaz de Camões e Luís Gonçalves de Camões que fez um morgado em Avis chamado da Torre, que hoje possui Simão de Camões, filho de Duarte de Camões, teve mais a Dona Francisca de Castro mulher de Dom Martinho de Sousa.

Lopo Vaz de Camões casou com Dona Maria da Fonseca, filha de Gaspar Rodrigues Preto, filho de Jorge Rodrigues Preto, Estribeiro-mor da Imperatriz Dona Isabel, da qual teve a António Vaz de Camões e Dona Ana de Castro, mulher de Diogo Lopes de Carvalho, Senhor dos Coutos de Negrelas e Abadim.

António Vaz de Camões casou com Dona Francisca da Silveira, filha de D. Álvaro da Silveira, filho de Dom Diogo da Silveira, Conde de Sortelha e Guarda-mor d'El-Rei Dom João o III, da qual teve a Lopo Vaz de Camões e outros filhos que hoje vivem.

João Vaz de Camões, segundo do primeiro Vasco Pires de Camões, foi vassalo d'El-Rei Dom Afonso V (título muito principal naquele tempo) e serviu ao mesmo Rei nas guerras de África e Castela. Viveu na Cidade de Coimbra da qual foi benemérito Cidadão, indo por seu Procurador às Cortes daqueles trabalhosos tempos da criação d'El-Rei Dom Afonso; teve o cargo de Corregedor daquela Comarca: officio em tão de grande jurisdição; porque não havia mais de seis no Reino, e ordinariamente eram fidalgos muito honrados, e não professavam letras; como ainda agora se usa em algumas partes da Espanha. Tudo isto consta do epitáfio de sua sepultura, que está em uma Capela da Crasta da Sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz de Camões mandou fazer, onde à parte do Evangelho se vê um túmulo levantado de mármore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do túmulo está a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com uma espada na mão, e aos pés um rafeiro deitado. Esta capela tem agora o arco quase tapado de uma parede de tijolo, porque como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta e sem haver quem a ornasse e tivesse cuidado dela.

Casou João Vaz de Camões com Inês Gomes da Silva, filha bastarda de Jorge da Silva, o qual era filho de Gonçalo Gomes da Silva e neto de Diogo Gomes da Silva, irmão de João Gomes da Silva, Alferes-mor d'El-Rei Dom João o I, e senhor de muitas terras. Dela teve a Antão Vaz de Camões, o qual casou com Guiomar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve que trazem sua origem dos de Alentejo) e dela houve Simão Vaz de Camões, que indo por Capitão de uma nau à Índia segundo Pero de Maris, se perdeu na Costa de terra firme de Goa, e escapando do naufrágio morreu pouco depois na mesma Cidade. Foi casado Simão Vaz com Ana de Macedo (dos Macedos de Santarém) e dela teve o nosso poeta Luís de Camões. Estes foram seus progenitores, pelos quais se mostra que não foi menos ilustre no sangue, que no engenho; e ainda que a falta dos bens da fortuna em que se criou (com quem perdeu o pai de tão pouca idade) lhe tirasse em parte os ornamentos exteriores, com que se faz estimar a pobreza, não lhe pôde nunca tirar a grandeza de pensamentos, que de seus antepassados herdara.

Nasceu Luís de Camões reinando El-Rei Dom Manuel, pelos anos de 1517 na Cidade de Lisboa, como o testifica Manuel Correa seu Comentador, que o conheceu, e foi seu familiar amigo, e não em Coimbra como alguns cuidaram, pela vivenda antiga que seus Avós ali tiveram. Por esta razão chama tantas vezes ao Tejo, pátrio, e invoca no principio dos seus Lusíadas as Ninfas do mesmo rio dizendo:

E vós Tágides minhas, pois criado, etc.

E no Canto 3, estância 2, quando pede favor a Calíope:

Põe tu Ninfa em efeito meu desejo, etc.

Porém, não foi só Coimbra à que contendeu sobre ter por seu filho tão excelente engenho; pois antigamente as sete Cidades Gregas pretenderam com não menos invejas o nascimento de Homero, querendo cada qual ser sua pátria. Sendo moço foi estudar a Coimbra, que então começava a florescer em todas as Ciências por benefício de El-Rei Dom João III, conduzindo este excelente Príncipe para mestre delas, Varões insignes, e dos mais peritos que então havia em Europa, dos quais ele aprendeu a língua Latina, e Filosofia, e mais letras humanas com tanta perfeição como mostram seus escritos e adiante diremos. Desta estada em Coimbra face menção em alguns dos seus versos, e em particular na Canção que na segunda parte das suas Rimas é a 2. E começa:

Vão as serenas águas, etc.

O mesmo se vê no Soneto 139 da primeira parte das Rimas, que diz:

Doces e claras águas do Mondego, etc.

Destes e outros versos que fazia naquele tempo se vê bem quão cedo começou a exercitar a Poesia, e com quanta perfeição; e como esta arte seja às vezes mais estimada nas Cortes dos Príncipes que nas escolas, parece que esta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que uns amores, que (segundo dizem) tomou no Paço o fizeram desterrar da Corte. Desta ausência parece se queixar naquela sua Elegia que começa:

O sulmonense Ovídio desterrado, etc.

Onde depois de descrever o sentimento que Ovídio tinha no desterro, diz assi:

Desta arte me afigura a fantasia, etc.

E mais abaixo:

Ali me representa esta lembrança, etc.

E porque não cuidemos que fala de alguma das suas peregrinações fora do Reino, diz logo abaixo as cousas que via do lugar onde estava degradado:

Vejo o puro, suave e brando Tejo, etc.

Neste comenos havia de passar a Ceuta, onde esteve algum tempo, como se vê da sua Elegia, que começa:

Aquela que de Amor descomedido, etc.

Onde abaixo diz:

Ando gastando a vida trabalhosa, etc.

E logo:

E com isto afiguro na lembrança, etc.

Aqui parece teve sua primeira milícia, e que nalgum recontro com os Mouros, foi ferido de um pelouro no olho direito, com que o perdeu, como ele toca na Canção que começa:

Vinde cá meu tão certo secretário.

Onde, depois de cantar os sentimentos de sua afeição, diz assi:

Desta arte a vida noutra fui trocando, etc.

Que lhe acontecesse isto em África, e não na Índia, se mostra pela carta primeira que escreveu da Índia a um amigo. Ao qual, dando novas de um Manuel Sartão, diz que "*sicut, et nos, manqueja de um olho*", como cousa já antiga e notória nele em Portugal. Esta ferida lhe afiou notavelmente o rosto, por onde era chamado das Damas, Diabo, e Cara sem olhos, a que ele respondeu muitas vezes cortesã e graciosamente como se vê de seus versos. Porém ainda que a falta da vista lhe tirou a gentileza exterior com as Damas, não a perdeu no conceito dos que o viam assinalado no rosto da mão dos infieis; porque semelhantes sinais de Marte fazem as faces mais fermosas, que os de Vénus. E assi se na Poesia o podemos comparar a Homero, que também, segundo alguns, careceu da vista), nas armas não era menos ufano que Felipe, Antíoco, Aníbal e Sertório, que de perderem uma vista na guerra se não gloriaram pouco. Tornado do Reino, ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe não davam fruto (como costumam), ou por os respeitos que na primeira carta que anda nas suas Rimas aponta, determinou de se passar à Índia, por ser esta (segundo ele diz) sepultura de todo o pobre honrado, e sem dúvida que ele levava pensamento de a escolher por sua, porque além de se embarcar dizendo aquelas palavras de Cipião: "*Ingratia patria, non possidebis ossa mea*", como refere na sua Carta, não se veio da Índia acabados os anos da milícia ordinária, mas depois de 16 de assistência como veremos adiante. Não achei em seus versos, nem em memória alguma, o ano em que se embarcou; somente escreve que tanto que chegou a Goa, saiu o Viso-Rei com uma grande Armada sobre El-Rei da Pimenta. Foi esta empresa segundo refere as histórias da Índia no fim do ano de 1553. Pelo que consta que partiu de Lisboa no Março de 1553 com Fernando Álvares Cabral, que indo por Capitão-mor de quatro naus, só ele chegou à Índia nos primeiros de Setembro do mesmo ano. Era então Viso-Rei daquele Estado Dom Afonso de Noronha, com o qual logo no Novembro seguinte Luís de Camões se embarcou em hũa grossa Armada, em que o Viso-Rei foi ao Malabar, para favorecer El-Rei de Cochim e o de Porcá, e outros amigos do Estado, a quem El-Rei da Pimenta (que por outro nome chamam de Chembe) tinha apertado e tomado algumas ilhas. Tanto que o Viso-Rei surgiu no porto, mandou sair a gente nas ilhas. E com morte de muitos Malabares foram destruídas e queimadas pelos nossos o que obrigou a pedir pazes ao Rei da Pimenta, como largamente se conta na Crónica d'El-Rei Dom

João o III. E na Sexta Década de Diogo de Couto. Esta primeira jornada descreve Luís de Camões breve e elegantemente na Elegia da sua viagem, que começa:

O poeta Simonidis falando, etc.

Onde depois de contar como partira de Lisboa e passara o cabo de Boa Esperança, diz assi:

Desta arte me chegou minha ventura, etc.

Prova-se também passar neste ano à Índia, porque no mesmo tempo sucedeu em Ceuta a perda de Dom Pedro de Meneses, a quem El-Rei Dom João III mandara por Capitão daquela Cidade no ano de 1549 em lugar de Dom Afonso de Noronha quando foi para Viso-Rei da Índia, e entre outros fidalgos a quem os Mouros mataram naquele recontro; foi Dom António de Noronha sobrinho do mesmo Capitão, filho do Conde de Linhares Dom Francisco de Noronha, o qual tinha sido particular amigo de Luís de Camões no Reino. Chegaram estas novas à Índia juntamente com as do falecimento do Príncipe Dom João, que foi em Janeiro de 1554 no Setembro do mesmo ano, e deram ocasião a Luís de Camões compor a *Écloga de Umbrano e Frondélio* que anda nas suas Rimas, como ele mesmo diz na sua primeira carta que escreveu da Índia no Janeiro de 1555, em que lamenta estas duas mortes. Neste mesmo ano de 1555 mandou o Viso-Rei Dom Pedro Mascarenhas (que já sucedera a Dom Afonso de Noronha) uma Armada ao Estreito de Meca, de que deu a Capitania-mor a Manuel de Vasconcelos, o qual partiu de Goa em Fevereiro e levou ordem do Viso-Rei que se fosse pôr nas portas do Estreito, junto do Monte Félix, a esperar as naus dos Mouros. Esteve neste porto Manuel de Vasconcelos até se lhe gastar a monção, e depois se foi invernar a Ormus, donde dando guarda à frota, tornou a entrar em Goa nos primeiros de Outubro. Nesta Armada, pareceu foi Luís de Camões, e que na estância do Monte Félix compôs aquela sua Canção em que descreve particularmente aquele monte e paragem, como se dela vê, que diz assi:

Junto de um seco, fero e estéril monte, etc.

Chegado a Goa, diz Pero de Maris que o mandou o Viso-Rei por provedor-mor dos defuntos da China, o que parece não poder ser; porque o Viso-Rei Dom Pedro Mascarenhas faleceu em Goa aos dezasseis de Junho deste ano de 1555. E a Armada do Monte Félix tornou àquela Cidade no Outubro seguinte do mesmo ano em que já governava havia quase quatro meses Francisco Barreto; pelo que mais certo parece o que outros afirmam, e é que chegando Luís de Camões a Goa fez aquela Sátira, que anda na terceira parte das suas Rimas, contra alguns moradores daquela Cidade, com título, de festas que se fizeram à sucessão do Governador, do que sentindo-se Francisco Barreto, ou por zelo da justiça, ou por queixas dos motejados, o mandou prender e desterrou para a China no ano seguinte de 1556, em que despachou alguns Capitães para o sul. A isto favorecem os versos do mesmo poeta, o qual se queixa deste desterro e prisão mandada fazer pelo Governador, e de um terrível naufrágio que padeceu na costa do Camboja, junto do rio Mecom, como diz na estância 128 do Canto 10:

Este receberá, plácido e brando, etc.

E no Canto 7 estância 81 onde pede favor às Ninfas do Tejo para cantar os Varões Ilustres que finge levava Dom Vasco da Gama pintados nos toldos e bandeiras, e mostrava ao Catual seu irmão Paulo da Gama. Entre outras queixas que dá dos poucos prémios que recebia de seus versos diz assi:

E ainda Ninfas minhas não bastava, etc.

E na Canção 15 da segunda parte das Rimas:

Enfim não houve transe de fortuna.

De maneira que esta jornada não foi por despacho senão por pena e degredo, pois diz que a fez quando contra ele o injusto mando executado. Neste tempo em que andou pelas partes do Sul, esteve nas Ilhas de Moluco, e particularmente na de Ternate, de quem, e do seu Vulcão que está no cimo do monte, faz particular menção na sua Canção 14 que diz:

Com força desusada, etc.

A assistência de Macau parece que foi a última do tempo em que andou no Sul, pois vindo de lá padeceu o naufrágio, que foi o derradeiro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macau teve o ofício de Provedor-mor dos defuntos, e com a comodidade do lugar devia de compor aqui alguma parte dos seus Lusíadas, pois de lá os trouxe consigo. Acabado o seu tempo, se embarcou para Goa com esperanças de lograr algum descanso nela; porque vinha rico do que houvera do cargo e dos amigos; porém, sucedeu-lhe ao contrário, como acontece às mais das esperanças do mundo. Porque navegando pela costa de Camboja se perdeu na paragem da Foz do Mecom, rio que, nascendo na China, corre por muita distância de terras e dividindo pelo meio a Camboja, crescido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem sair ao mar em um lago de mais de sessenta léguas de comprido. Aqui deu a sua nau em uns baixos onde se fez em pedaços padecendo todos um miserável naufrágio: Luís de Camões se salvou em uma tábua, e em tão apertado e manifesto perigo só teve lembrança dos Cantos dos seus Lusíadas para os levar consigo, esquecendo-se de tudo o mais que trazia, no que não merece menor louvor que o que se dá a César quando escapou no porto de Alexandria nadando com uma mão e levando os seus Comentários na outra. Deste naufrágio se queixa Luís de Camões muitas vezes, e em particular no Canto 7 estância 80, referindo-o entre outros trabalhos seus:

Agora pobreza aborrecida, etc.

E na Canção 15 das Rimas:

A piedade humana me faltava, etc.

No porto deste rio esteve Luís de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufrágio, e com esta ocasião, dizem que compôs aqui aquela sua tradução do Salmo *Super flumina Babylonis*, que começa:

Sôbolos rios que vão, etc.

Na qual acomodando a si aqueles trabalhos, e sentimento de que trata o Salmo, mostra bem o que padeceu, e como recorreu logo a Deus por remédio de seu mal, conformando-se cristãmente neste, e nos outros infortúnios da vida, com o que dele dispunha a Divina Providência, como se vê da sua Canção já referida onde diz:

Já de mal que me venha não me arredo, etc.

Reformado deste naufrágio se veio a Malaca, e daí a Goa, onde chegou governando o Viso-Rei Dom Constantino, e não Francisco Barreto, como diz Pero de Mariz. O que além de constar pelo seu comentador Manuel Correa, se prova também pela razão dos tempos. Porque vindo Luís de Camões da Armada do monte Félix em Outubro de 1555, não podia partir para o Sul se não já no ano de 1556, em que o governador Francisco Barreto despachou os capitães das viagens para aquelas partes, como temos dito. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3 de Setembro de 1558, em que chegou o Viso-Rei Dom Constantino a Goa, não podia ser, que em espaço de dous anos somente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, e voltasse à China, e exercitasse lá o cargo de provedor-mor, e tornasse a Goa. Por onde o certo parece que veio a Goa depois que o Viso-Rei Dom Constantino entrou no governo daquele Estado. Ajudam também a estas conjecturas as oitavas que fez ao mesmo Viso-Rei estando já em Goa, que começam:

Como nos vossos ombros tão confiantes, etc.

Nas quais oitavas se trata da tomada de Damão, e jornada de Jafanapatão, feitas pelo Viso-Rei. Pelo que segundo isto chegou Luís de Camões a Goa depois do ano de 1560, em que o Viso-Rei Dom Constantino tinha já acabadas estas empresas. Pouco mais durou o governo ao Viso-Rei, em cujo tempo não parece, que Luís de Camões teve prisão alguma, pelo officio que administrou na China, antes mostra nas oitavas referidas, estar favorecido dele, e parece que devia ser seu antigo Mecenas, como também o tinha sido antes no Reino o Duque Dom Teodósio seu irmão. Além disto consta que neste tempo foi o seu gracioso banquete, para o qual convidou a Dom Francisco de Almeida, Dom Vasco de Ataíde, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão e Francisco de Melo, e depois de os receber em uma casa bem adereçada e os sentar à mesa, que tinha muito composta, descobrindo-se os pratos acharam neles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vê na terceira parte das suas *Rimas*; com o que o banquete ficou assaz festejado e celebrado então, e depois em toda a parte. Todos estes fidalgos andavam em Goa no último ano do Viso-Rei Dom Constantino, e na sétima *Década* de Diogo do Couto se faz então menção deles. Deste tempo são também as oitavas que fez do desconcerto do mundo a Dom António de Noronha, que depois governou aquele Estado, e outros muitos versos a vários fidalgos, que estão nas suas *Rimas*; dos quais se vê bem quão estimado andava o nosso poeta de toda a fidalguia da Índia, e não com novas moléstias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, e lhe deram os seus amigos, e foi nisto tão largo que em breve tempo tornou à pobreza com que começara; o que lhe aconteceu por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinham em conta de mal considerado, não atentando que os generosos espíritos padeceram muitas vezes esta falta, porque não lhes sofre a grandeza do ânimo aplicar-se às cousas inferiores, e de interesse; assi

lemos de Homero, Sócrates, Crates, marcial, Valério Flaco e outros sublimes engenhos, que nunca curaram de ser ricos, mas de enriquecer a todos com suas obras.

Em Setembro de 1561, teve sucessor no cargo o Viso-Rei Dom Constantino. E diz Diogo do Couto que até seu tempo durou naquele Estado a primitiva Índia, em que os homens pretendiam somente ser velerosos e honrados, e desprezavam o interesse; e que dali por diante começou a ser idolatrada a avareza, ao qual vício chama a Sabedoria Divina Raiz de todos os males, e como este se foi apoderando daquele Estado, tem introduzido nele tantos, que parece já agora irremediável sua cura, se Deus milagrosamente lhe não acode.

Começou logo Luís de Camões a sentir esta declinação, porque não valeu o favor que o Conde do Redondo, novo Viso-Rei, lhe fez (como se vê dos versos que lhe compôs) para deixar de ser em seu tempo preso: e segundo parece, pelas culpas de que foi acusado na administração do officio da China. E não bastou livrar-se desta acusação para sair do cárcere, onde esteve algum tempo, porque Miguel Rodrigues Coutinho fios secos, pessoa nobre e rica, o embargou na prisão por certo dinheiro que lhe tinha emprestado. De maneira que lhe foi necessário a Luís de Camões socorrer-se de novo ao Conde Viso-Rei, como se vê daquelas redondilhas que andam na terceira parte das *Rimas*, e começam:

Que Diabo há tão danado, etc.

Livre desta prisão, continuou depois alguns anos em Goa invernando em terra, e embarcando-se os verões nas Armadas onde compôs as mais de suas odes e canções, como se delas vê que todas falam em Neptuno com as Nereidas e outras Ninfas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades marítimas. Nos sucessos de guerra em que estas Armadas se acharam se mostrou sempre valeroso soldado, como quem não sabia voltar as costas aos inimigos. Nem lhes empataram as letras a lança; antes lhe a acrescentaram o valor, porque por isso fingiam os Antigos, que a mesma palas era Deusa das Ciências e das Armas; e Luís de Camões serviu nestas ocasiões de maneira que sempre se louvou disso, como se vê no Canto 10, estância penúltima, falando com El-Rei Dom Sebastião onde diz:

Para servir-vos braço às armas feito, etc.

E no canto 7, estância 79:

Agora o mar, agora experimentando, etc.

É esta abonação que Luís de Camões dá de seu esforço de grande crédito, pelas muitas testemunhas vivas que tinha naquele tempo, e os Portugueses são tão rigorosos censores da verdade, que não consentem a seus vizinhos gabar-se do que não têm, mas ainda às vezes lhe confessam dificultosamente o que na verdade possuem. Tinha já neste tempo composto o seu Poema Heróico dos *Lusíadas*, e como ele conhecia o grande preço desta obra, determinou de se embarcar para o Reino a oferecê-la a El-Rei Dom Sebastião (ainda que então por ser de pouca idade não governa). Porém Pero Barreto o tirou deste pensamento, por o levar consigo a Moçambique, onde ia entrar por capitão de Sofala. Foi-se com ele Luís de Camões movido de suas promessas, mas em breve tempo se viu desenganado delas. Pelo que chegando àquela ilha a nau *Santa Fé*, que vinha para o Reino, se quis nela embarcar.

Acudiu a lho pedir Pero Barreto, e ou movido do desejo de o ter consigo, ou por qualquer outros respeitos lhe pediu duzentos cruzados que gastara com ele na matalotagem de Goa até Moçambique. Vinham naquela nau muitos fidalgos amigos de Luís de Camões, em que entravam Heitor da Silveira, António Cabral, Luís da Veiga, Duarte de Abreu e António Sarrão, aos quais deu notícia do que passava, e eles fintando-se entre si, pagaram esta quantia e o trouxeram à sua conta até o Reino, que por ser o grande de Luís de Camões, lhe comunicou ele a obra dos seus *Lusíadas* e que lhe pediu os quisesse comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte, como em sua vida se verá.

Chegou Luís de Camões a Lisboa na maior força da peste, que chamam grande correndo o ano de mil e quinhentos e sessenta e nove, e assi lhe foi necessário esperar que acabasse aquele mal para poder pôr suas cousas em ordem, e imprimir o seu Poema; em que se passaram quase dois anos, porque no de mil e quinhentos e setenta e dous saiu à luz com esta admirável obra; e porque de sua família e peregrinações está bastante dito, falaremos agora da excelência de seu engenho e doutrina, que nos vários douts é o que principalmente se considera.

Para poder explicar as perfeições deste Poema são necessários mais livros que os que gastou Macróbio em apontar as da *Eneidas*. Porque este género de poema, assi como tem o principal lugar na poesia, assi é tão dificultoso na composição, se se houverem de guardar perfeitamente todos os preceitos da arte, que desde o princípio do mundo até o tempo do nosso poeta não houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes foram Homero entre os Gregos, Virgílio nos Latinos, Torcato Tasso entre os Italianos e o nosso poeta em Espanha. Contudo entre estes, merece Luís de Camões particular louvor, porque ainda que não excedeu em tudo, ao menos se avantajou a cada um em alguma parte, como logo veremos.

O poema heróico, o que os Gregos chamam épico, tem cinco partes essenciais (a que parece se reduzem todas as mais) que são: ser imitação de uma acção heróica, honesta, útil e deleitosa. O ser uma acção é cousa tão importante que no poema épico se tem por sua substância, como se vê de toda a *Arte Poética* de Aristóteles, e funda-se este preceito na razão natural da imitação, e pintura, que mostra não se poderem imitar duas acções juntamente, e esta é a diferença que há entre o poeta heróico e o historiador, porque o historiador escreve a narração das cousas como aconteceram sucessivamente, mas o poeta escolhe uma só acção de um herói, e esta refere, não pontualmente como foi, mas como convinha ser, ornando a narração com vários episódios, que são digressões de fábulas, acontecimentos e enredos, com que com suavidade persuada aos que o lerem e ouvirem: *Oportet igitur, diz Aristóteles, quem admodum in aliis imitatricibus, una imitatio unius est, sic, et fabulam, quia actionis imitatio est, uniusque esse, et huius totius*. E noutra parte: *Fabula quidem est una, non quem admodum nonnulli arbitrantur, si circa unum fuerit; multa enim, et infinita genere contingunt, ex quibus nonnullis nihil est unum. Sic autem, et actiones unius multae sunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heraclidem, et Theseidem, et huius emodi poemata fecerunt, putant enim, qui unus erat Hercules, unam et fabulam esse oportere. Homerus autem quemadmodum, et caeteris rebus autecellit, et hoc videtur pulcher vidisse, sive propter artem, sive propter naturam, Odysseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quaecumque illi contingere, etc. Verum circa unam actionem, qualem dicimus Odysseam mansit, eodem pacto, et Illiadem*. O mesmo resolve Horácio na sua poética dizendo:

Denique, sit quodvis simplex duntaxat, et unum.

Por faltarem neste essencial fundamento de uma só acção, Ovídeo, Silo Itálico e Lucano, se não têm por poetas heróicos, e entre os modernos caiu também neste defeito Ludovico Ariosto, que no seu *Orlando* seguiu e propôs tão multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceitos da Arte, o que verdadeiramente é muito de sentir em tão florido e ornado poema, como o de Ariosto, um dos mais engenhosos e abundantes entendimentos que até seu tempo houve, porque por errar esta acção, não tomou a palma a muitos dos antigos e modernos, e se propusera e seguira perfeitamente o furor de Orlando, que ele fez acção secundária, ainda tivera desculpa, mas propondo tantas acções como são:

*Le done, i cavalier, l'arme, gli amori,
Le cortesie, l'audaci imprese io canto, etc.*

Errou muito, assi em as multiplicar, como em as propor primeiras. E se o que disse por acção secundário de *Orlando*.

*Dirò de Orlando en un medesimo tratto
Cosa nod etta improsa, mai in rima,
Che per Amor vene in furore, et matto
Huomo che si saggio era stimato prima, etc.*

O propusera por primeira, pudera defender-se, e foram então menos e mais curtos os episódios que, por razão das acções multiplicadas, acumulou, com que o poema ficara mais proporcionado e fermoso: ainda que sempre lhe faltara o principal, que é a qualidade da acção, pois por ser fúria nascida de causa tão indigna, como os amores de Angélica, não deve ser imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de arte, havendo, como disse Horácio, de sujeitar a fertilidade do engenho aos preceitos dela.

*– Ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit video ingenium: alterius
Altera poscit opem res, et coniurat amice, etc.*

Este rpeceito de seguir uma só acção guardou excelentemente o nosso poeta propondo o descobrimento da Índia, o qual fez Dom Vasco da Gama com seus soldados, como se vê do discurso do poema, que começa navegando Vasco da Gama junto a Moçambique; e acaba quando o capitão entrou em Lisboa. Porém, na proposição e título (como esta obra era de outros segundos Argonautas), seguiu a Apolónio Ródio, a quem se dá o primeiro lugar entre os Gregos depois de Homero, o qual intitulou o seu poema, dos *Argonautas*, e na proposição não nomeou a Jasão capitão da jornada, senão a todos os que cometeram aquela empresa, e assi começa:

*A te principium o Phoebe, priscorum laudes virorum
Memorabo, qui Ponti per os, et petras
Cyaneas regis mandato Pelioe,
Aureum ad vellas probe instructam transtris impulerunt Argo.*

Depois desta acção, tocou também Luís de Camões alguns principais episódios do poema, o que por ser depois da principal acção proposta, não é defeito, segundo se vê em Homero e Virgílio, que também propuseram estas acções secundárias como julgará facilmente quem os bem considerar.

A segunda condição do poema heróico é ser acção honesta e digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, e principalmente heróica, é ensinar, incitar e mover deleitando. Nesta parte excedeu muito Luís de Camões a Estácio na sua *Thebaida*, e a Claudiano no seu *Rapto de Proserpina*, porque, ainda que estes poetas acertaram mais que os outros em escolher uma só acção, contudo faltaram na qualidade dela; porque as suas acções não são verdadeiramente dignas de se imitar, que é o fim e intento de toda a poesia, pois o argumento de Estácio foi o ódio dos dous irmãos Eteocles e Polinices, acção indigna de ser sabida, quanto mais imitada; e a de Claudiano é o roubo de Proserpina, tanto mais aborrecível, quanto maior foi o roubador dele. O argumento do poema heróico há-de ser honesto para se imitar e admirável para mover e deleitar, no que Homero é digno de louvor enquanto conta os trabalhos que Ulisses padeceu até tornar à sua pátria, mas não na conclusão do poema, com as mortes que deu privadamente aos pretendores de Penélope desarmados. A esta matéria se avantajou pouco a chegada de Eneas à Itália, e guerras sobre o Cervo, que andando à caça feriu Ascânio, acções em que há pouco do grande e admirável. E assi fica mui superior a todas elas o argumento do nosso poeta, que trata do descobrimento da Índia, em que Vasco da Gama rodeou a maior parte da terra, vencendo com singular valor as forças dos elementos, as traições e armas dos inimigos, fomes, sedes, estranheza de climas, injúrias dos tempos, e mostrou ao mundo o verdadeiro conhecimento de si mesmo, em que desde seu princípio até então estivera ignorante achando novas estrelas e novos mares, comunicando o Oriente e o Ocidente, de que se seguiu dar aos povos de Europa a notícia de tantas drogas, frutos e pedras em que a natureza se mostrou maravilhosa e benigna para com os mortais, e aos moradores de Ásia o conhecimento das artes, polícia, ciências de Europa, e sobretudo do verdadeiro Deus, de que os mais deles estavam totalmente ignorantes. Por onde na qualidade da acção heróica fica o nosso poema superior a todos os antigos e modernos.

Nem obsta contra isto dizerem alguns que profanou o poeta esta honestidade e grandeza da acção com não guardar à religião o decoro devido, invocando Musas, e fingindo concílios de deuses, indecentes a poeta católico, e que como tal devia antes invocar os Santos e usar nas ficções de milagres, e aparecimento de Anjos, como alguns modernos fizeram. Porque a isto se responde; que notório é não ser a poesia outra cousa se não uma imitação, ou fábula, a qual traz sempre consigo, como parte essencial, a invocação das Musas do Parnaso, segundo a divisão dos poemas, em que a Calíope coube o heróico, e por isso é invocada nos poemas épicos, e esta fábula pertence somente à poesia, e só pelos poetas foi inventada. De maneira que até os Antigos que adoravam aos outros deuses gentílicos por verdadeiros, tinham as Musas por fingidas, porque bem sabiam que nunca no Parnaso houvera tais deusas, nem por esses eram tidas nem adoradas das repúblicas; sendo pois isto assi, claro fica que não usou Luís de Camões de termo algum supersticioso pedindo ajuda a divindades gentílicas (pois estas foram sempre conhecidas de todos por fabulosas), mas que guardou o estilo do poema heróico segundo os Latinos, que é invocar as Musas depois de propor a acção, e assi continuou a poesia com os termos até então costumados de poetas católicos e gravíssimos, como foram Sanazaro no poema *Partu Virginis*, o bispo Hieronimo Vide em quase todas as poesias maiores, Bautista

Mantuano, religioso carmelita, nas suas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Marulo, e outros que seria largo referir. Porém, em não introduzir Luís de Camões Anjos e Santos nas fábulas que fingiu, mais parece digno de louvor que de repreensão, porque é indecência grandíssima usar os nomes dos Santos para fábulas profanas, com a mesma facilidade com que os Gentios o faziam, e assi é muito de caluniar que nos poemas de Torcato e Ariosto andem os Anjos e Santos falando com os cavaleiros andantes, trazendo-lhes recado do Céu, e que São João Evangelista leve a Astolfo sobre o globo da lua a mostrar-lhe o siso de Roldão, que estava metido em uma redoma de vidro. Não se hão os Santos de tomar na boca nem na história para matéria de entretenimento, mas há-de-se escrever deles com toda a reverência e decência devida, que não se compadece misturar as cousas sagradas com as profanas. Além de ser inconveniente grande em um livro que trata de argumento verdadeiro, e em que se hão-de referir verdadeiros milagres, escreverem-se milagres fabulosos, sem se diferenciarem uns dos outros, com que os leitores ignorantes podem cair em erro de não conhecerem quais devem ser cridos. Portanto querendo o poeta evitar tão grandes inconvenientes, usou dos nomes dos deuses gentílicos por matéria comum e notória de fingimentos poéticos, com que ninguém se podia enganar, mas nas cousas verdadeiras, guardando inteiramente o decoro à religião, introduziu sempre a Vasco da Gama falando com toda a piedade católica; de maneira que os milagres verdadeiros e cousas santas as trata com a decência e gravidade devida, e as ficções ficam conhecidas de todos vendo-se que são fábulas notórias. Este mesmo estilo guardaram os mais dos poetas acima nomeados, a quem podemos acrescentar Claudiano, que segundo a melhor opinião e mais universal, foi católico e usou destas invocações e concílios de deuses com maior liberdade do que vemos nos *Lusíadas*. Quanto mais que Luís de Camões não fez estas ficções dos deuses ao acaso, senão com muita consideração, introduzindo debaixo destas fábulas uma excelente alegoria (a que os poetas chamam a alma da fábula) e assi entendeu debaixo do nome de Júpiter e deuses, a Divina Providência e os espíritos angélicos, porque governa o mundo, dos quais os bons nos ajudam e os maus nos empecem. E é tão antigo este pensamento que até alguns dos primeiros filósofos, que estas deidades inventaram, não quiseram entender outra cousa nelas, como se vê largamente de Santo Agostinho na sua *Cidade de Deus*, e ainda da *Canónica de S. Pedro* que por razão do tal intento (segundo S. Jerónimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) chama estas fábricas doutas; porém, como estes filósofos pela falta do lume da fé caíram em muitos erros e deram com estas fábulas causa à idolatria, foram condenadas do Apóstolo no dito lugar dizendo: *Non doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Iesu Christi virtutem, et presentiam etc.* Mas hoje, que não há este perigo, com os exemplos e razões já alegadas, tem lugar a alegoria que o poeta nelas entendeu como imitando Virgílio no fim do texto da *Eneida*, explicou nestas oitavas em que introduz a Tétis declarado a esfera a Dom Vasco da Gama, onde falando do céu empíreo, diz assi:

Aqui só verdadeiros gloriosos, etc.

Portanto assi pelas razões, como pelos exemplos fica Luís de Camões nesta parte livre de toda a calúnia.

Contudo, outra nos resta ainda neste ponto a que responder, e é dizer-se também que foi o nosso poeta pouco honesto nos episódios de tão honesto poema, o que tem fácil resposta, porque como o argumento dos *Lusíadas* era tão grave, foi

necessário variá-lo com alguns episódios alegres para entreter os leitores, e para isto fingiu a deleitosa Ilha de Santa Helena e os esposórios que nela celebraram Vasco da Gama e seus soldados com as Ninfas do Oceano, imitando os poetas antigos e modernos, que todos meteram nos seus poemas estes episódios amatórios, como se vê em Homero nos amores de Calipso e de Vénus e Marte, em Virgílio nos da rainha Dido, e em Apolónio Ródio e Valério Flaco nas damas de Lemnos com os Argonautas, e finalmente nos mais de Torcato Tasso do seu poema heróico. Mas nesta parte levou ainda Luís de Camões grande vantagem aos referidos, porquanto eles não pretenderam declarar algumas alegorias debaixo destas fábulas (que como dissemos é a alma do poema), antes se vê que não tiveram nelas outra tenção, senão deleitarem aos leitores (posto que a fábula de Calipso sofra mais alegoria que as outras) e o nosso poeta debaixo dos nomes daquelas Ninfas quis entender a glória, fama, memória, honra, maravilha e todas as mais preeminências que participam os varões ilustres e esforçados por prémio de suas obras com os quais seus nomes ficam perpetuamente unidos na lembrança dos homens, como se vê nestes versos, canto 9, estância 89:

Que as Ninfas do Oceano tão ferosas, etc.

Como com estas palavras ficava a alegria tão clara, não se podem imputar por indecência ao poeta os termos dos esposórios com que a trata, porque esta participação da imortalidade da fama significarão sempre os antigos por casamentos com que fingiram todos os heróis, ou casados ou aparentados com as deusas.

A utilidade que deste poema se alcança não se pode explicar em poucas palavras, porque não há ninguém que o leia que não fique inflamado de um admirável desejo de glória e de empregar a vida em feitos ilustres, aventurando-a pela fé, pelo rei e pela pátria. Aqui se vêem as partes e experiência que hão-de ter os conselheiros, o zelo com que os ministros superiores devem entender no bem público, e o prémio que se deve dar aos que bem trabalham. Na pessoa de Vasco da Gama representa um excelente modelo de prudente e heróico capitão, e nas dos reis de Portugal o exemplo de um perfeito príncipe. E se não deu este louvor a todos os que reinaram neste Reino, foi porque o poema heróico quando se funda em história verdadeira, que é mais perfeito ainda que pode acrescentar a verdade do que passou, não pode contrariar ao que passou na verdade, de maneira que nem Virgílio pudera dizer que Aquiles fora morto por Heitor, nem Homero que Aquiles matara Páris, e assi referem ambos estes poetas muitos vícios dos seus príncipes e rainhas, por não ser lícito à poesia encontrar nesta parte a verdade da história, da qual guarda este e outros muitos preceitos. Pelo que deste poema se podem tirar excelentes regras para a vida política e moral.

O estilo deleitoso com que estes preceitos vão acompanhados não reconhece em toda a Antiguidade superior, e dificilmente lhe poderemos dar semelhante, porque deixando a dissonância que os antigos achavam nos versos de Homero, como refere Josefo liv. I *Contra Apianum*, e os muitos que deixou Virgílio por acabar na sua *Eneida*, a facilidade e consonância deste nosso poema é tal que não parecem os versos compostos por artifício, mas ditados da mesma natureza. E naqueles lugares que em a *Poética* de Aristóteles se chamam patéticos ou alteradores do ânimo, move os affectos com Palavras tão próprias e veementes que com suma eficácia faz força a quem os lê, de maneira que fica participante das paixões que se contêm encobertas debaixo daquelas palavras: imprimindo um generoso alvoroço quando trata da

guerra, alegria nas festas, gravidade nas acções dos príncipes, compaixão na adversa fortuna e, finalmente, uma admirável suavidade em todas as partes do poema. Porém, nas comparações e descrições se avanteja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo, porque com tanta viveza as pinta e exprime que parece se representam à vista e não ao sentido interior.

É também a erudição parte do estilo deleitoso, e a muita de que o nosso poeta illustrou o seu poema é assaz notória, não havendo nele estância que não tenha particular conceito, doutrina ou pensamento peregrino, de maneira que não se achará poema nenhum onde em tão breve escritura se tocassem tantos e tão doutos passos de lição vária, como nos seus *Lusíadas*, porque quase não há nas letras humanas lugar insigne de fábula, antiguidade, história, matemática e qualquer outra ciência que nele se não achem, e quanto isto é mais ordinário neste poema, tanto é mais de admirar nele sendo esta parte da poesia a mais dificultosa de todas. Porque como o principal intento nela seja mover affectos do ânimo, não se pode alcançar este efeito ornado com elocução e erudição estes lugares, como já o notou excelentemente Aristóteles nesta sentença: *Oportet laborare in ignavis partibus, et neque moratis, neque sententiarum acumine ornatis; occulit enim valde splendida locutio mores, et sententias*. Isto tem acontecido a muitos em Espanha, que se fizeram duros e ásperos encobrando a força dos pensamentos com os ornamentos das Palavras, de que é bom exemplo Francisco de Herrera. Porém, Luís de Camões soube tomar tal meio nesta dificuldade que não há versos que mais movam o sentimento que os seus, nem onde juntamente se veja a oração mais erudita e composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade e excelência dos episódios, nos quais quase nenhum outro poeta se lhe pode igualar; porque os mais de Virgílio são imitados de Homero, como o banquete de Dido, a relação que ali fez Eneias da perda de Tróia, seus trabalhos e viagem, os jogos de Sicília, a jornada do Inferno; e assi teve neles pouco louvor. E Torcato Tasso não se melhorou com as fábulas dos seus encantamentos e cavaleiros andantes: porque ainda que e elegeru fábulas possíveis, tem muito de improvável; o que é contra os preceitos de Aristóteles, que diz que nos episódios devemos escolher antes os impossíveis prováveis, que não os improváveis possíveis: *Eligere impossibilia, et verisimilia potius quam possibilia, et nullo modo probabilia*. Este preceito guardou Luís de Camões excelentemente, porque depois de imitar a Virgílio em fazer a acção composta, e não simples, com referir Dom Vasco da Gama sua viagem a el-rei de Melinde, introduz o episódio da descrição de Europa e história de Portugal, com as profecias do velho, e a Adamastor, admiravelmente; depois na figura de Monçaide contra os ritos do Oriente, fez um novo conselho dos deuses marinhos, e a descrição do Reino de Cupido no Monte Idálio. Não é menos excelente a pintura da Ilha de Santa Helena, o banquete que nela deu Tétis a Dom Vasco da Gama e seus companheiros, à música da Sereia que encantou os ilustres Portugueses que depois haviam de conquistar a Índia, e finalmente a descrição dos globos celestes e geografia das províncias novamente descobertas. Quase todos estes episódios foram pensamentos novos e peregrinos, e tratados com tanta graça e artificio que juntamente ensinam, admiram e deleitam, porque não há na arte do bom dizer tropos nem figuras que aqui se não vejam exercitadas: variando o estilo, ora grave, grandiloco e veemente, ora florido, brando e ainda jocoso; porque como o poema heróico é um meio entre o trágico e o cómico, assi participa segundo Aristóteles da gravidade da tragédia, como da graça da comédia. Por onde Homero, em muitas partes da *Odisseia* e *Iliada* introduz histórias jocosas, como foi a da prisão de Vénus e Marte na rede de Vulcano, e outro caso quase semelhante de Júpiter e Juno; a

peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penélope, e outros muitos em que o mesmo poeta refere o riso a que com elas se moveram até os mesmos deuses, e Virgílio também no seu 5º livro, descrevendo os jogos que Eneias fez a seu pai Anquises, segue no estilo jocoso as regras que neste particular se devem guardar na poesia heróica. De maneira que Luís de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excelente poeta, e com esta sua obra ficou enriquecida grandemente a língua portuguesa; porque lhe deu muitos termos novos e palavras bem achadas, que depois ficaram perfeitamente introduzidas. Posto que nesta parte não deixaram alguns escrúpulos de o condenar, julgando-lhe por defeito as palavras alatinadas que usou no seu poema, e da licença que é concedida aos poetas para fingir e derivar novas palavras, porque como têm obrigação de falar ornadamente, não podem deixar de enriquecer seus versos com palavras, ou desusadas, ou novas, ou transferidas, que são as condições que ensinam os retóricos para a oração ficar com majestade e fora do estilo humilde e vulgar. Assi o aconselha Aristóteles na sua *Poética*, dizendo: *Locutionem apertam, et non humilem esse: apertissima quidem igitur este ea, quae expropriis nominibus, sed humilis: exemplum autem Cleophontis poesis, et Steneli. Grandis autem, et immutans vulgarem rationem, quae perigrinorum speciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, similia dico, linguam, et translationem, et productionem, et omne quod praeter proprium, etc.* Neste lugar discorre Aristóteles largamente sobre esta matéria e defende a novidade dos termos que usou Homero contra os que por esta razão o caluniavam. O mesmo afirma Isócrates, pai da eloquência grega, dizendo na vida de Evágoras: *Poetis multa dantur quibus ornare suum carmen possunt. His enim, et deorum cum hominibus congressus, tum disceptationes, et certamina quibus, cum volunt, fingere licet, et cum haec narrare voluerint, non eadem verborum lege, qua oratores astringuntur. Itaque non solum verbis usitatis, verum etiam novis, translatis; et perigrinis, et omni denique dicendi genere, suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est, etc.* Esta licença concede mais largamente Horácio aos poetas latinos, porque não só lhe permite que usem dos vocábulos antigos que já não estão em costume, mas que finjam de novo os que quiserem contanto que se derivem da língua grega, diz ele:

*Et nova, ficta que nuper habebunt verba fidem si
 Graeco fonte cadunt, parte de torta; quid autem
 Caecilio, Plauto que dabit Romanus, ademptum
 Virgilio Varioque? Ego, cur, acquirere pauca
 Si possum, invidior; quam lingua Catonis, et Enni
 Sermonem patrium ditaverit: et nova rerum
 Nomina protulerit? Licuit semper que licebit
 Signatum praesente nota, producere nomen, etc.*

Também Túlio, príncipe dos oradores, confirma este privilégio aos poetas dizendo no seu *Orador*: *In utroque frequentiores sunt, et liberiores poetae, nam et transferunt verba cum crebrius, tum etiam audacius; et priscis libentius utuntur, et liberius novis.*

Deste privilégio usou tanto Virgílio, que além de declinar muitos nomes latinos pelas terminações gregas e falar pelas frases daquela língua, escreveu por palavras tão fora do uso ordinário que Macróbio gasta não pouca leitura em mostrar os fundamentos que para isto Virgílio teve, dizendo que todas aquelas palavras traziam sua origem da antiguidade latina e foram em seus princípios usadas. Do mesmo modo falou Torcato, e tanto se valeu do antigo toscano e da língua latina que destas

palavras novas lhe notaram um particular vocabulário. Com estes exemplos fica bem livre o nosso poeta da calúnia que lhe impõem das palavras alatinadas, as quais são tão próprias e naturais à nossa língua, que se escusam os vocabulários de Torcato e Virgílio e se entendem de todos igualmente com o romance português.

Cai assi mesmo debaixo do estilo deleitoso a boa proporção do mesmo poema, o qual para ser perfeito há-de ser fundado sobre história verdadeira e admirável de algum varão insigne em virtude e valor, e a história não há-de ser larga, porque havendo-se-lhe de acrescentar os episódios, será o volume demasiado, e não tendo episódios ficará o poema seco e sem ornamentos que deleitem. Nem menos será de cousas tão antigas que já não estejam na memória dos homens, nem tão modernas que sejam vivos os de quem se escreve (o que todavia se entende na acção principal e não nos episódios onde se introduzem profecias que falam dos presentes). Nem se há-de contar a história sucessivamente, mas começando no meio dos sucessos alcançar-se-á depois a notícia do precedente com súbito conhecimento. Estes e os mais preceitos da arte se vêem tão bem guardados neste poema como a quem quer que o lê é notório. Pelo que pudera bem ser que, se Aristóteles o alcançara, não gastara tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas se por veneração da Antiguidade se não conceder a palma a este nosso poema entre todos os heróicos, ao menos seguramente se pode julgar por igual ao melhor deles. Deste tão alto merecimento e grande beneficio que a pátria recebeu com tal obra, ficando tão ilustrada por seu meio, não teve Luís de Camões galardão algum, porque a mercê que lhe fez El-Rei Dom Sebastião de uma pequena tença é tal que em sua comparação justamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muitos atribuam isto a desgraça do poeta, eu lho julgo por uma grande felicidade exercitar alguma excelente virtude, e neste caso se mostrou bem a grande generosidade de Luís de Camões, pois só por amor da pátria ocupou seu engenho em ilustrar com suas obras este Reino e immortalizar seus naturais; e foi tão inteiro na verdade e alheio de lisonja, que podendo receber prémios de muita consideração por referir nesta obra pessoas particulares, só tratou nela daqueles varões ilustres que de todos são universalmente conhecidos por tais: como o testifica claramente a estância 10 do primeiro canto em que diz a El-Rei Dom Sebastião:

Vereis amor da pátria não movido, etc.

E no canto 7, estância 83, pedindo favor às Ninfas do Tejo:

Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado, etc.

Desta tal inteireza e verdade esteve muito alheio Homero, do qual refere Dião Crisóstomo, Orat. II *De Excidio Illii*, que, andando mendigando pelas cidades da Grécia, vendeu por dinheiro os louvores que na sua *Iliada* dá indignamente a muitos homens particulares, e a Virgílio deu Octávia, irmã de Augusto, cem mil reis por cada verso dos vinte e um que escreveu de Marcelo seu filho; e do que lhe deram os amigos deixou depois por herdeiro a Augusto em duzentos e cinquenta mil cruzados, como aponta Budeu, seguindo a Sérvio e a Donato; pelo que não é muito que ele deduzisse a família dos Júlios de Julo, a dos Mémios de Mnesteu, a Sérgia de Sergesto e de Cloanto a Cluenta, cousas todas fabulosas e inventadas dele mesmo só para lisonjear os poderosos daquele tempo como o nota doutamente Cipião Amirato. Quão longe esteve deste vício Luís de Camões se vê claro no que escreveu, pois nem

ainda o Conde que então era da Vidigueira lhe fez favor algum em remuneração de quanto diz naquele poema do grande Dom Vasco da Gama, como ele o testifica dizendo no Canto 5, estância 99:

Às musas agradeça o nosso gama, etc.

Este foi Luís de Camões na composição dos seus *Lusíadas*. Porém, nas outras partes da poesia não merece menor louvor, por guardar nelas os preceitos da Arte perfeitamente. Nos versos pequenos se ouve com tanta eloquência e graça, que Lopo de Veja no prólogo do seu *Santo Isidoro* lhe dá o primeiro lugar; e verdadeiramente foi tão abundante de conceitos e tão fácil em os pôr em verso, que não sei de qual destas cousas nos possamos mais admirar, porque sendo muitas vezes os montes sequíssimos e incapazes de bom pensamento, é tanto o que acha que dizer em qualquer matéria, que parece incrível ainda depois de visto, e a suavidade do verso sempre tão corrente e fácil, que parece se não podia dizer aquilo por outro melhor nem mais gracioso modo. Nas Odes e Canções seguiu o estilo grandíloco, e assi participam da majestade dos seus *Lusíadas*.

Cuidam alguns que esta frase grandiloqua que se vê em parte das suas *Éclogas* lhe fez exceder o decoro que se deve guardar ao sujeito pastoril, não se lembrando de Virgílio, que nas suas *Bucólicas* introduz argumentos muito superiores àquele sujeito, como é o da quarta *Écloga*, que trata da profecia da Sibila Cumeia, e o da sexta, em que Sileno discorre pela fábrica do mundo, e histórias mais notáveis dele, o que tudo excede grandemente o modo pastoril. Pelo que pois Virgílio, a juízo de todos os críticos, não merece censura em exceder o decoro nestes argumentos, muito menos a merece Luís de Camões por exceder só nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, assi das *Éclogas Pastoris*, como das *Piscatórias*. Antes é digno de muito louvor neste género de poesia, por ser o primeiro que destas duas espécies fez um misto, compondo as *Éclogas* de pescadores e pastores juntamente, por pessoas de diálogo, como se vê na que dedicou ao Duque de Aveiro que começa:

A rústica contenda desusada, etc.

Onde mais abaixo diz:

Vereis (Duque sereno) o estilo vário, etc.

Nas comédias seguiu a forma que então se praticava, e ainda assi introduziu já algumas prosas imitando os engenhos italianos, e ao nosso Francisco de Sá, que deixaram os versos em que os Gregos e Latinos as escreveram; porque como tinham muita diversidade deles, escolheram os que mais se chegavam ao falar solto, o que entre nós não pode bem ser pela obrigação dos consoantes, mais ainda assi traduziu excelentemente a dos *Anfitriões* de Plauto. Outras traduções fez também em verso em que se não mostrou menos elegante, como foi a *Elegia* da Paixão de Sanazaro, o salmo *Super Flumina Babylonis*, a fábula de Biblis, e a de Narciso, e outros. Também se acham algumas obras suas em prosa solta, as mais delas de matéria jocosa e estilo metafórico, que era o que então se prezava muito na Corte; por o ter introduzido Fernão Cardoso, que foi nele eminente, ainda que Luís de Camões o usou com mais polícia e facilidade.

De todas estas obras se pode bem conhecer a grandeza do engenho do seu autor e a universal notícia que teve das ciências e letras humanas; porque quem considerar seu escritor, achará que teve conhecimento da língua grega, da filosofia, teologia, matemáticas, histórias humanas, e que foi tão geral em toda a matéria que em qualquer faculdade que trata parece professor dela. Pelo que se em algũas de suas obras se achar acaso cousa que desdiga do que se espera de tal autor, não se deve imputar o defeito a ele, senão ao tempo e aos copiadores, porque como seus versos andaram tantos anos, antes de se imprimirem, tresladados de várias mãos, com facilidade se poderiam corromper, como veremos aconteceu às melhores obras da Antiguidade; e em particular a esta causa se atribuíram (como já disse) as dissonâncias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luís de Camões não fazia estas *Rimas* para as imprimir, mas conforme a ocasião e tempo lhe davam lugar, não iam muitas delas com aquela perfeição com que as acabara se gastara nisso o tempo que gastava Virgílio, o qual dizia que aperfeiçoava os seus versos como o parto da Ursa.

Por todas estas partes foi Luís de Camões tão louvado e conhecido no mundo que Fernando de Herrera, chamado de momentos o Divino, só a ele dava vantagem, e o excelente Torcato de Tasso confessava que só a ele temia, e se admirou tanto de ver os seus *Lusíadas* que, inflamado nos louvores do autor, publicou o que dele sentia neste soneto, que não ficou para ele menos honroso que para quem o compôs:

*Vasco le cui felice, ardite antene
In contro al Sol, che nem riporta il giorno
Spiegar le vele, e fer colà ritorno,
Ne egli par che di cadere, accenne.*

*Non piu dite per aspero mar sostiene
Quel che fece al Cicople oltraggio, e scorno
Ne chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Ne die pui bel subietto a colte penne.*

*E hor quella del colto, i buon Luigi,
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge,*

*Onde àquelli a cui s'alza il nostro Polo,
E achi ferma incontra i suoi vestigi.
Per lui descorso tuo la fama aggiunge.*

O grande conceito que Lopo de Vega, celeberrimo poeta de nossos tempos, faz do nosso Luís de Camões se vê nem em seus escritos, dando-lhe sempre o epíteto de excelente. E o mestre Francisco Sanches Brocense, assaz conhecido em toda a Espanha por sua rara erudição, lhe não dá menores títulos, tratando do respeito que se deve ter aos escritos de Vergílio e doutros semelhantes poetas, como se vê destas palavras: *Digo esto por la veneracion en que haviamos de tener a los Poetas, siendo tales que verdaderamente merescan este nombre. Tal me parece a mi Luís de Camões Lusitano, cuiu subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lenguas, delicada vena mustran claramente no faltar de nada para la perfeccion de tan alto nombre, etc.* O Padre Cristóvão del Rio e Dom Fernando Alvia de Castro, o poema entre os melhores do mundo; Cristóvão Soares de Figueiroa, varão insigne nas letras

humanas, na vida do Marquês de Canhete, o iguala com Homero, e o aplauso universal de todos lhe dá o título de Príncipe dos Poetas; o que na verdade parece se lhe deve justamente; porque se muitos homens doutos de Europa reconheceram à nação portuguesa uma certa superioridade na poesia, como entre outros o confessa o autor da *Biblioteca Hispana* dizendo *Lusitani in poetica, ut et in musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti, etc.* Com razão se pode dar o nome de Príncipe dos Poetas a Luís de Camões, pois ele tem o principado entre todos os Portugueses.

Porém, se na estimação de tantos autores graves está igual a Virgílio e Homero, também parece que lhe não ficou inferior nos prodígios que se deles em suas vidas contam; porque foi seu engenho tão singular que não faltam curiosos que digam que muitos séculos antes foi prognosticado ao mundo o seu poema pela Sibila Cumeia, porque assi como qualquer grande perfeição em uma ciência ou arte, não se pode alcançar sem particular concurso do Céu, assi parece que ordena algumas vezes seja isto prognosticado aos homens muitos tempos antes que aconteça. Vê-se esta profecia na quarta Écloga de Virgílio, a qual foi toda tirada dos versos da Sibila, em que profetizou a felicidade que havia de haver no mundo depois do nascimento de Cristo, nosso Senhor, onde diz que o poeta que havia de cantar a história dos segundos Argonautas venceria na poesia a todos os passados; e desejando Virgílio ser este que a Sibila prognosticava, diz ao filho de Polião (a quem ele erradamente aplicou esta profecia) que se lhe a ele caísse a sorte de ser este poeta, estava certo que havia de vencer na poesia até os mesmos deuses e inventores dos versos:

*O mihi tam longe maneat pars ultima vitae
Spiritus, et quantum sat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quanvis atque huic pater adsit
Orphei Caliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet
Pan etiam Arcadia dicet se iudice victum.*

E certamente que este pensamento está fundado em boa razão, porque se a glória que os antigos Argonautas e Aquiles alcançaram, foi mais pelos excelentes versos em que foram cantados, que pela grandeza das façanhas que obraram, como afirmava Alexandre, com quanta mais razão parece que não deviam ficar inferiores nesta parte aos primeiros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Boécio e muitos outros, ali fala a Sibila à letra, pois a nossa navegação e os heróicos feitos que os capitães portugueses fizeram na Índia excederam tanto aos dos Argonautas e Aquiles, que não sofrem comparação alguma. E não somente podemos aplicar a Luís de Camões os versos referidos da Sibila, mas também dar-lhe aquele lugar que em Roma na coroação de Petrarca deixou desocupado entre Apolo e as Musas no monte Parnaso, aquele grande astrólogo Barbante Senes, por cujo discurso aquela rica história se pintou: dizendo que o mereceria um poeta ocidental de língua bárbara (assi chamavam então os Italianos às de Espanha) que, andando os tempos, havia de vir ao mundo. Concluamos logo que, se o nosso poeta não cedeu no engenho a Virgílio e Homero, tão pouco lhes cedeu nas maravilhas do nascimento; e com mais razão nos podemos persuadir que as houvesse em um poeta católico que nos gentios.

Não foi menor a opinião que Luís de Camões alcançou na pátria em que o tiveram os estrangeiros: porque, ainda que lhe faltaram com os prémios devidos a seus merecimentos, foi tido em grande estima dos maiores senhores e mais prezados daquele tempo, como foram o Duque de Bragança Dom Teodósio e o Duque de Aveiro Dom Jorge, o Conde que depois foi do Vimioso Dom Francisco de Portugal, Dom Manuel de Portugal seu tio, o Viso-Rei Dom Constantino, o Conde de Atouguia Dom Luís de Ataíde, o Conde do Redondo e outros que fora largo contar. Não era de menor valor a mercê que recebeu das Senhoras Donas Francisca de Aragão, Dona Guiomar Blasfê e da Senhora Infanta Dona Maria, como se vê em suas obras. Também referem muitos fidalgos daquele tempo que, quando sucedeu neste Reino El-Rei Dom Filipe, o Prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligência por Luís de Camões e sabendo que era falecido mostrara disso sentimento, porque desejava de o ver por sua fama e fazer-lhe mercê. De maneira que a pobreza em que viveu não lhe abateu entre os príncipes a grande opinião que às suas obras se devia, e se as riquezas fugiram dele, ou foi pelas razões que o Plutão de Luciano dava contra Timon, ou por ele fazer pouco pelas adquirir, ou por seus merecimentos serem muito grandes: pois é certa a sentença de Tácito, que os benefícios são agradáveis enquanto se podem recompensar, mas que passando deste termo tem o desagradecimento em lugar de prémio.

Desta geral reputação que os naturais e estrangeiros tinham dele não é muito lhe nascesse a estima grande que se tinha, louvando e abonando seu engenho em muitas partes dos seus *Lusíadas* e mais obras: o que alguns lhe atribuíram a vício, não atentando que é impossível não se conhecer um bom entendimento a si próprio e ter verdadeira opinião de suas cousas. Aristóteles diz que o varão grande, se se não tiver por tal, não o será: *Esse sane magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute praeditus neque stolidus, neque stultus est quispiam, etc.* E noutro lugar: *Magni enim viri, honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o mesmo afirma Baltazar Castilone no seu *Perfeito Cortesão* e lhe permite louvar-se sem eu tempo e lugar conveniente, dizendo na pessoa de Gaspar Palavicino: *Ho conosciuti poc hi huomini eccelenti, in qual si voglia coza, chi non laudino se stessi; e par me che molto bem comportare lor si possa. Per che chi si sente valere, quando si vede non esser per le opere conosciuto, si sdegna che il valor suo sai sepolto. E forza è che a qual che modo lo scopra, per non essere de fraudato de le honore, che è el vero premio de lw virtuose fatiche: Pero tragli antichi scrittori chi molto vale, rare volte si astien di laudar se stesso, etc.* E Túlio na sua primeira *Tuscana* resolve que aquele célebre Oráculo *Nosce te ipsum* não foi dito para sabermos as mi'rias do corpo, mas para cada um conhecer as excelências de seu próprio ânimo e entendimento. Porém, ainda que não houvera as autoridades de tão doutos varões, bastantemente ficava o nosso poeta desculpado, com ser este o uso comum de todos os poetas, como diz o mesmo Túlio, *Tusculanarum quaest.* liv. 22: *Adhuc neminem cognovi Poetam, qui sibi non optimus videretur.* E *Ad Atticum* epíst. 22: *Nemo umquam, neque Poeta, neque Orator fuit, qui quemquam, meliorem quam se arbitraretur.* Bom exemplo é desta opinião Homero na pessoa de Demódoco, Virgílio em muitos lugares e Horácio liv. I Ode I, em que se finge coroadado entre os deuses dizendo:

*Me Doctarum ederae praemia fontium
Diis miscent superis*

E no liv. 2 *Car.* escreveu toda a Ode 20 em seu louvor, que começa:

*Non usitata nec tenui ferar
Penna, biformis per liquidum aethera vates, etc.*

E no Terceiro, Ode 30:

*Exegi menumentum aere perennius,
Regalique si tu pyramidum altius:
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit eruere, aut innumerabilis
Annorum series, et fuga temporum, etc.*

O mesmo faz Ovídio em muitos lugares e em particular no liv. 4 *De Tristibus* Eleg. 10, dizendo assi:

*Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti
Nomen, ab exequiis quod dare fama solet.
Nec qui distractat praesentia livor, iniquo
Ullum de nostris dente momordit opus.
Nam tulerint magnos cum saecula nostra Poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo.
Cumque ego praeponam multos mihi, non minor illis
Dicor, et in toto plurimus orbe legor.
Siquid habent igitur vatium praesagia veri,
Protinus ut moriar non erro terra tuus, etc.*

Estácio liv. 12 da sua *Thebayda*:

*O mihi bisseos multum vigilata per annos
Thebay iam certe praesens tibi fama benignum
Stravit iter, coepitque novam monstrare futuris.
Iam te magnanimus dignatur noscere Caesar,
Itala cum studio discit, memor atque iuventus.
Vive precor, nec tu divinam Aeneyda tenta,
Sed longe sequere, et vestigia semper adora.
Mox tibi siquis adhuc praetendit nubila livor
Occidet, et meriti post me referentur honores.*

E Sanazaro na sua 4 *Piscatória* não quis deixar de lembrar que ele fora o primeiro que trouxera as *Éclogas* até então *pastoris* aos pescadores:

*– Nunc litoream nec despice Musam,
Quam tibi post sylvas, post horrida lustra licaei,
(Siquid id est) salsas deduxi primus ad undas,
Ausus imexperta tentare pericula cymbac.*

Dos outros vulgares não há que referir mais exemplos, pois todos os trazem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razão com que nesta parte pode ser o nosso poeta notado.

Depois que Luís de Camões imprimiu os seus *Lusíadas* passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muitos e conversação de poucos; porque tendo já passado por ele as primeiras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura e só continuava com alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de São Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns religiosos daquela santa casa. Neste tempo lhe sobreveio uma larga enfermidade que lhe serviu de se aparelhar para a morte, a qual ele trazia tão presente, que até nas cartas jocosas falava muito de siso nela, como se vê bem das que andam impressas nas suas *Rimas*. Acrescentou-se-lhe este mal com o sentimento da morte d'El-Rei Dom Sebastião, a quem tinha intentado celebrar em outro heróico poema, se a ambos durara a vida e melhor fortuna.

Com esta e outras moléstias se lhe foi agravando a enfermidade até o ano de 1579, no qual faleceu. Estava neste tempo em tanta pobreza que de casa de Dom Francisco de Portugal lhe mandaram o lençol em que o amortalharam, e assi foi sepultado na igreja de Santa Ana (aonde se acha hoje o coro das religiosas) sem letreiro uma campa alguma que mostrasse o lugar de sua sepultura.

Era quando morreu de pouco mais de cinquenta anos, porque quando compunha os seus *Lusíadas* diz ele no Canto 10 estância 9 que tinha já pouco que passar da idade do Estio para o Outono, o qual começa dos cinquenta por diante:

Vão os anos descendo, e já do Estio, etc.

E falecendo ele sete anos depois de sua impressão (a qual foi no de 1572) parece que não passou dos cinquenta e cinco. Foi Luís de Camões de meã estatura, grosso e cheio do rosto e algum tanto carregado da fronte; tinha o nariz comprido levantado no meio e grosso na ponta; afeavam notavelmente a falta do olho direito, sendo mancebo, teve o cabelo tão louro que tirava a açafroado; ainda que não era gracioso na aparência, era na conversação muito fácil, alegre e dezidor, como se vê em seus motes e esparsas, posto que já sobre a idade deu algum tanto em melancólico. Nunca casou nem deixou geração. Viveu e morreu em tanta estreiteza do necessário para a vida que, se aqueles tempos não foram tão calamitosos para o Reino com as cousas de África, pudera redundar em afronta dos naturais e causar admiração. Ainda que os que têm notícia das histórias humanas entenderão bem que este é o estilo ordinário do mundo, no qual os mais dos homens eminentes são perseguidos e desprezados em vida. Do grande Homero sabemos que se sustentava pedindo esmola por Grécia. A Sócrates faltava muitas vezes uma capa com que se cobrir, e enfim veio a morrer condenado pelos Atenenses, e Aristóteles e Demóstenes, porque o não fossem fugiram da mesma cidade. Cipião morreu despojado da fazenda e desterrado da pátria. A Túlio degolaram, e por mais o afrontarem lhe cortaram aquela língua em que por tantas vezes consistiu a liberdade da República, e o grande Epicteto viveu em Roma com tanta miséria, que não tinha mais de seu que um candeeiro de barro com que se alumiava. Acabando porém com a vida as armas da inveja, com que os grandes engenhos são sempre combatidos, nascem eles de novo depois da morte e, vestidos das asas da fama, alcançam a glória que suas obras mereceram; porque os homens não podem fazer a guerra senão aos corpos, os quais, como compostos de matéria frágil e caduca, são vencidos de maior

potência. Mas as obras do engenho, como representam o ânimo que é eterno, duram igualmente com o tempo, e com ele adquirem o prêmio igual a seus merecimentos. Daqui veio chegarem depois os Gregos a venerar como cousas divinas aos mesmos Homero, Sócrates, Demóstenes e Aristóteles, a quem em vida perseguiram, e em Roma a confessarem os cidadãos que não podia ser castigada aquela cidade com maior pena que privá-la Cipião do tesouro de sua sepultura, e a dizerem contra os matadores de Túlio que, por se livrarem de sua eloquente língua, fizeram falar contra si as de toda a República; e foi tão estimado o nome de Epicteto que o seu candeeiro de barro, por ser possuído de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos cruzados.

Deste mesmo modo vai sucedendo a Luís de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpétuos infortúnios, depois de morto tem alcançado gloriosíssimos prêmios de seus trabalhos, porque pouco depois de seu falecimento, movido Dom Gonçalo Coutinho do zelo da pátria, a quem o poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da sepultura com uma campa de mármore com este honroso epitáfio:

Aqui jaz Luís de Camões, Príncipe dos Poetas de seu tempo: viveu pobre e miseravelmente, e alfim morreu o ano de 1579.

Esta campa lhe mandou aqui por Dom Gonçalo Coutinho, na qual se não enterrará pessoa alguma.

A este epitáfio acrescentou depois outro maior (com gosto do mesmo Dom Gonçalo) Martim Gonçalves da Câmara, presidente que foi da mesa do Paço e escrivão da puridade d'El-Rei Dom Sebastião, grande valido seu e estimado de todos os reis deste Reino, varão de suma inteireza, virtude e temperança, compôs este epitáfio à sua instância o Reverendo Padre Mateus Cardoso, religioso da Companhia de Jesus, lente que foi da primeira cadeira da Humanidade da Universidade de Évora, que depois, deixando os estudos humanos, se dedicou só aos divinos, e à pregação do Evangelho nas bárbaras regiões de Angola, onde ao presente anda, e o epitáfio diz assi:

*Naso eligis, Flacus Lyricis, epigramate Marcus
Hic iacet, Heroo carmine, Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
Unam nobilem Mars, et Appollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
Et gangi, telis obstupescit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingeniis, haud gazas, ex Oriente tulit;
Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense,
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere Poetam
Quaelibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere faz, aequare nefas aequabilis uni,
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.*

Não é pequeno louvor alcançar Luís de Camões depois de morto estas gloriosas memórias por obra de varões tão ilustres, quando até os maiores príncipes

do mundo e os parentes mais chegados com a morte se sepultam juntamente no esquecimento dos vivos. Porém, não é menos honra a que adquiriu nos bons engenhos que se dedicaram a traduzir o seu poema heróico, o qual anda convertido nas melhores línguas de Europa, querendo cada qual fazê-lo próprio por ornamento da sua própria, e para enriquecer seus naturais com tão precioso tesouro. E ultimamente o reverendíssimo bispo e Targa Dom Frei Tomé de Faria o traduziu com grande elegância em verso heróico latino, tendo justamente tal ocupação por digna de sua profissão e dignidade, como outros muitos prelados têm feito em semelhantes sujeitos, por ser obra em que se mostra muita erudição e engenho. Neste Reino se tem também empregado não poucos em comentarem e louvarem o mesmo poeta Luís de Camões; alguns saíram à luz e outros se conservam manuscritos, mais dignos, pode ser, da impressão que os que tiveram esta fortuna, qual é o que há muitos anos tem composto Luís da Silva Brito, prior do Santo Milagre de Santarém, pessoa assaz conhecida no Reino pela muita doutrina e qualidades que nele concorrem. Dos versos que se têm composto em seu louvor, por serem muitos, referirei só dous epigramas que se imprimiram com as suas *Rimas* no ano de mil e quinhentos e noventa e oito: o primeiro latino feito por Manuel de Sousa Coutinho, tão ilustre no sangue como nas letras humanas, o qual, deixando o século e nome, entrou na Sagrada Religião dos Pregadores onde se chamou Frei Luís de Sousa, e tem dado com suas obras outra nova esperança à nossa pátria. Pelo que por ser o epigrama de tal sujeito, é para Luís de Camões de grande reputação:

*Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
 Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit.
 Maestitiam, casus, horrentia proelia, amores,
 Iuncta simul cantu, sed graviore damus.
 Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
 Lysia in Eoas imperiosa plagas.
 Unus tanta dedit? Dedit, et mayora daturus,
 Ni caeliri fato corriperetur, erat.
 Ultimus hic choreis Musarum praefuit: illo
 Plenior Aonidum est, nobilior que chorus.
 Flos veteris, virtus que novae fuit ille camoenae,
 Debita iure sibi scepra poesis habet.
 In Lusitanos Heliconis culmina tractus
 Transtulit antra, lyras, sarta fluenta, Deas.
 Currere Castalios nostra de rupe liquores
 Iossit, ab invito prata virere solo.
 Cerne per incultos, Tempe meliora recessus,
 Cerne satas, sterili sespite, veris opes.
 Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
 Non ego iam Lisios, credo, sed Elysios.
 Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
 Traxit, et ab stygio squalida monstra foro
 Thessalicos Lodoice, sacro cum flumine montes
 Pieridumque trahis caelituum quae choros
 Sunt maiora tuae Orphaeis miracula vocis,
 Attica quid faceres, si tibi lingua foret?*

O outro é um soneto português do nosso poeta Diogo Bernardes, que no estilo pastoril não reconhece superior, o qual, por ser tão qualificado voto, é digno de muita consideração:

*Quem louvará Camões que ele não seja
Quem não vê que em vão cansa engenho e arte,
Ele assi só se louva em toda a parte,
E toda a parte ele só enche de inveja.*

*Quem juntos num espírito ver deseja
Quantos dões entre mil Febo reparte
(Quer ele de Amor cante, quer de Marte)
Por mais não desejar ele só veja.*

*Honrou a pátria em tudo, imiga sorte
A fez com ele só ser encolhida,
Em prémio de estender dela a memória.*

*Mas se lhe foi fortuna escassa em vida
Não a pode tirar depois da morte
Um rico emparo de sua fama e glória.*

Destes testemunhos pudéramos trazer muitos, mas baste um universal, que é a grande estima que neste Reino se tem feito de suas obras, das quais se tem impresso e gastado mais de vinte mil volumes; e tão geral é hoje o conhecimento do muito que mereceu à pátria que, se durara ainda agora entre nós o costume dos Romanos, que aos cidadãos beneméritos levantavam estátuas nas praças, não duvido que do público se lhe dedicara uma mui sumptuosa; mas por não carecer deste prémio, no modo em que se permite a um particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim, meu sobrinho (em o livro que imprimiu de vários discursos, em que também ia esta sua vida) esculpir em bronze de meio corpo o seu natural retrato, com sua inscrição e, para em toda a parte o poder acompanhar com o dito retrato, fez a breve notícia de sua vida, e lhe ajuntou um elogio latino, que vertido no nosso idioma é o seguinte:

ELOGIO

Camões é Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento e na igualdade da vida. Homero foi falto de ambas as vistas, Camões de uma delas; aquele possuiu poucas riquezas, este viveu em perpétua pobreza; cantou aquele Ulisses, este os Ulisseus; mas sendo a Homero igual no canto, no mais foi superior, porque concebendo em seu ânimo um soberano poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno e o furor de Marte, a ferro e fogo navegou e passou à Índia, ouviu os sábios dela, pelejou valerosamente com os inimigos (como testificam as fermosas feridas recebidas no rosto) e sendo outro Platão nas peregrinações, imitou no naufrágio a César, contentando-se de livrar só das ondas seus poemas. Tornado à pátria, experimentou sua ingratitude, depois de a ter singularmente enobrecido e, sem receber prémios nem honras da poesia, acabou a vida como desterrado entre seus próprios cidadãos. Chegou porém 43 anos depois de morto o bem merecido galardão às suas obras, procurando o agradecimento livrá-lo da adversidade da fortuna e esquecimento da

morte com este novo género de estátua que Gaspar de Faria Severim primeiro lhe levantou, enquanto outros de mármore e de ouro lhas preparam. Ano 1622.

Deste modo ficará a imagem do nosso poeta ornando as livrarias e casas de ciências, com grande gosto dos doutos e curiosos, os quais já em tempo de Plínio costumavam ter ornados os rostos daqueles cujos ânimos conservavam retratados no mesmo lugar em suas obras. E era este costume tão usado em Roma que até os retratos que não havia se fingiam, como aconteceu ao de Homero. *Ex auro, argento, aut certe ex aere* (diz ele) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animae in iisdem locis, ibi loquuntur, qui nimo etiamqui non sunt, finguntur, pariunitque desideria non traditi vultus, sicut in Homero evenit, etc.*

No retrato ficou Luís de Camões avantajado a qualquer grande estátua por maravilhosa que fosse, porque as estátuas não ocupam mais que um só lugar e padecem também as injúrias do tempo, com as quais se acabaram até aqueles monstruosos colossos com que os antigos quiseram eternizar sua memória; porém, as estampas têm aquela propriedade da pintura com a qual diz o mesmo Plínio que os homens se fizeram iguais aos deuses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte e por benefício da impressão fizeram isentos dos poderes do tempo. Estes excelentes prémios, que as obras de Luís de Camões têm alcançado, parece anteviu ele muitos anos antes, quando, considerando o pouco fruto que então lhe rendiam seus versos, disse na estância 100 do Canto 5 de seus *Lusíadas*:

Porém não deixe enfim de ter disposto, etc.

Pelo que tem nele todos os professores das ciências um grande exemplo para não deixarem de ocupar seus talentos em benefício público, por falta de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto maiores prémios podem esperar de futuro.

Como razão logo nos podemos consolar da contrária fortuna que o nosso poeta padeceu em vida, pois, além de ter nela por companheiros aos mais ilustres varões da Antiguidade, não lhe vai ficando depois da morte inferior nas honras da sepultura, na autoridade das estátuas, na dilatação da fama, com a qual é celebrado por todo o mundo em tantas línguas dos melhores poetas, históricos e oradores, de maneira que sua gloriosa memória durará igualmente com os séculos vindouros.

Manuel de Faria Severim, «Vida do Grande Luís de Camões Príncipe dos Poetas de Espanha», em *Os Lusíadas do Grande Luís de Camões, comentados pelo Licenciado Manoel Correa*, 1720.